

ÉTICA DO NOVO TESTAMENTO

Dietrich Bonhoeffer, Ética: Lisboa, Assírio & Alvim, 2007.

Há que fazer uma exigência muito singular a quem quer que pretenda tomar em consideração o problema de uma ética cristã, a saber, a exigência de, à partida, renunciar às duas questões que o levam em geral a ocupar-se do problema ético – "como me torno bom?" e "como posso fazer algo de bom?" – porque não se ajustam ao tema; e de levantar, em vez delas, a questão de todo diferente e infinitamente diversa relativa à vontade de Deus. Esta exigência é drástica, porque pressupõe uma decisão acerca da realidade última e, portanto, uma decisão de fé.

Onde o problema ético se apresenta de modo essencial como uma demanda do modo de ser pessoalmente bom e de fazer o bem teve já lugar a decisão pelo eu e pelo mundo como realidades derradeiras. Toda a reflexão ética tem, então, por fito que eu seja bom e que o mundo (– através do meu fazer –) se torne bom. Mas se transparecer que as realidades do eu e do mundo se encontram ainda incrustadas numa realidade última de todo diversa, a saber, na realidade de Deus, criador, reconciliador e redentor, então o problema ético apresenta-se de imediato sob um aspeto inteiramente novo. Não é de importância derradeira que eu me torne bom ou que, através de mim, o estado do mundo se torne melhor, mas sim que a realidade de Deus se revele em toda a parte como a realidade última.

A origem da ética cristã não é a realidade do eu próprio, não é a realidade do mundo, nem sequer a realidade das normas e dos valores, mas a realidade de Deus na sua revelação em Jesus Cristo. Eis a exigência que, honestamente, deve fazer antes de qualquer outra quem deseje ocupar-se do problema de uma ética cristã.

O lugar que em todas as outras éticas é assinalado pela antítese entre dever e ser, entre ideia e realização, entre motivo e obra, é ocupado, na ética cristã, pela relação entre realidade e tornar-se-real, entre pas-

sado e presente, entre história e acontecimento (fé) ou – para pôr no lugar do conceito ambíguo o nome unívoco da própria coisa – entre Jesus Cristo e Espírito Santo. A questão do bem torna-se a questão do ter parte na realidade de Deus revelada em Cristo. O bem já não é, agora, uma valoração do existente, portanto, da minha essência, da minha intenção, das minhas ações ou também de uma situação do mundo; já não é um predicado que se atribui a algo de subsistente, de existente em si, antes é o próprio real; não o real abstrato separado da realidade de Deus, mas o real que tem realidade só em Deus. O bem não existe sem este real, não é portanto uma fórmula geral, e este real não existe sem o bem. A vontade de ser bom só existe como anseio do real em Deus. Uma vontade de ser bom em si mesma, de certo modo como fim para si mesma, como profissão de vida, sujeita-se à ironia da irrealidade; a aspiração genuína ao bem torna-se aqui a ambição desenfreada do modelo de virtude. O bem em si não é um tema autónomo da vida e seria, enquanto tal, o mais estulto quixotismo. Só participando na realidade participamos no bem.

Existe uma fundamentação da ética baseada no conceito de realidade, que é de todo diferente da cristã, a saber, a fundamentação empirístico-positivista. Procura esta excluir totalmente da ética o conceito de norma, porque vê nele apenas a idealização de modos de comportamento efectivos e úteis à vida: no fundo, o bem é apenas o conveniente, o útil, o benéfico para a realidade.

Outro é o modo como a ética cristã fala da realidade que é a fonte do bem Jesus Cristo não se pode identificar nem com um ideal, com uma norma, nem com o existente. Tanto o dever-ser como a conveniente recebem em Cristo um sentido de todo o novo. A inconcialidade entre o dever-ser e o existente encontra em Cristo, isto é, na realidade derradeira, a sua reconciliação. Participar em semelhante realidade é o sentido genuíno da questão do bem.

Em Cristo é-nos feita a oferta de nos tornarmos ao mesmo tempo participantes da realidade de Deus e da realidade do mundo, de uma não sem a outra. A realidade de Deus só se descobre quando ela me faz imergir de todo na realidade do mundo; por outro lado, encontro a realidade do mundo já desde sempre sustentada, acolhida, reconciliada na realidade de Deus. Eis o mistério da revelação de Deus no homem Je-

sus Cristo. A ética cristã indaga agora o tornar-se-real, no nosso mundo, da realidade de Deus e da realidade mundana, dada em Cristo. Não como se o "nosso mundo" fosse algo de existente fora da realidade de Deus e do mundo, que está em Cristo, como se já não pertencesse ao mundo nele sustentado, acolhido e reconciliado, portanto, não como se, primeiro, se tivesse ainda de aplicar algum "princípio" à nossa situação e ao nosso tempo. Pelo contrário, inquire-se como é que a realidade em Cristo – que já há muito em si também nos inclui a nós e ao nosso mundo – actua como realidade agora presente e como nela se deve viver. Trata-se, por conseguinte, de participar hoje na realidade de Deus e do mundo em Jesus Cristo, e de tal modo que eu nunca experimente a realidade de Deus sem a realidade do mundo e nunca a realidade do mundo sem a realidade de Deus.

A proclamação central do Novo Testamento é que Deus amou e reconciliou consigo o mundo em Cristo. Pressupõe-se nela que o mundo carece da reconciliação com Deus, mas que, por si, não é capaz de a obter. A aceitação do mundo é um milagre da misericórdia divina. Por isso, a relação da comunidade com o mundo é inteiramente determinada pela relação de Deus com o mundo. No corpo de Jesus Cristo Deus está unido à humanidade, toda a humanidade é acolhida por Deus, o mundo é reconciliado com Deus. No corpo de Jesus Cristo, Deus tomou sobre si o pecado de todo mundo e arcou com ele. Não existe nenhuma parte do mundo, por perdida e por privada que esteja de Deus, que não tenha sido acolhida por Deus em Jesus Cristo, que não esteja com Ele reconciliada. Quem contempla na fé o corpo de Jesus Cristo já não pode falar do mundo como se ele estivesse perdido, como se estivesse separado de Cristo; já não pode separar-se do mundo com altivez clerical

O mundo, como toda a criação, foi criado mediante Cristo e em ordem a Cristo e só n'Ele subsiste (*Jo* 1,10; *Cl* 1,16). Falar do mundo sem Cristo é uma abstracção vazia. O mundo, esteja ou não disso ciente, existe em relação com Cristo. Esta sua relação com Cristo torna-se concreta em determinados *mandatos de Deus* no mundo. Mas porque o primeiro filho dos primeiros homens, Caim, nasceu longe do paraíso terrestre e se tornou fratricida, assim paira já aqui também uma sombra negra sobre o casamento e a família neste nosso mundo.

A vontade de Deus, tal como se revelou e realizou em Jesus Cristo, abarca a totalidade da realidade. É possível aceder a este todo, sem se deixar fragmentar pela multiplicidade, só na fé em Jesus Cristo, "no qual habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl 2, 9; 1, 19), "por meio do qual todas as coisas são reconciliadas, as que estão na terra e as que estão no céu" (Cl 1, 20), cujo corpo, isto é, a comunidade, é a plenitude daquele que cumpre tudo em todos (Ef 1, 23). A fé neste Jesus Cristo é a única fonte de todo o bem.

A ética como configuração

Ecce homo: eis o homem! Nele teve lugar a reconciliação do mundo com Deus. O mundo não será superado pela destruição, mas pela reconciliação. Não são os ideais, os programas, a consciência moral, o dever, a responsabilidade, a virtude, mas tão-só o amor pleno de Deus, que permite arrostar a realidade e levá-la à sua culminação. Mais uma vez, não é uma ideia genérica de amor, mas o amor de Deus efectivamente experimentado em Jesus Cristo, que leva à plena realização. Este amor de Deus pelo mundo não se retira da realidade para almas nobres afastadas do mundo, antes experimenta e sofre, da forma mais dura, a realidade do mundo. No corpo de Jesus Cristo desafoga-se o mundo. Mas o martirizado perdoa ao mundo os seus pecados. Assim tem lugar a reconciliação. *Ecce homo*.

A figura do reconciliador, do Deus-homem Jesus Cristo, surge entre Deus e o mundo, surge no centro de tudo o que acontece. Nela desvela-se o mistério do mundo, tal como nela se revela o mistério de Deus. Nenhum abismo do mal pode permanecer oculto àquele por meio do qual o mundo é reconciliado com Deus. Mas o abismo do amor de Deus abarca ainda também a mais abissal impiedade do mundo. Numa reviravolta incompreensível de todo o pensar justo e piedoso, Deus declara-se a si mesmo ao mundo como culpado e extingue assim a culpa do mundo; o próprio Deus empreende o caminho humilhante da reconciliação e, deste modo, absolve o mundo; Deus quer ser culpado da nossa culpa, toma sobre si o castigo e o sofrimento que a culpa nos trouxe. Deus responde pela impiedade, o amor pelo ódio, o santo pelo

pecador. Agora, já não há impiedade, ódio ou culpa, que Deus não tenha tomado sobre si mesmo, sofrido e expiado. Agora, já não há realidade, já não há mundo que não esteja reconciliado e em paz com Deus. Eis o que Deus fez no seu amado filho Jesus Cristo. *Ecce homo!*

Mas não basta dizer que Deus aceita o homem. Esta proposição assenta em algo de infinitamente mais profundo, de mais impenetrável quanto ao seu sentido, a saber, que Deus, na concepção e no nascimento de Jesus Cristo, aceitou corporalmente a humanidade. Deus eleva o seu amor ao homem acima de qualquer suspeita de inautenticidade, de qualquer dúvida e incerteza, porque Ele próprio entra como homem na vida do homem, porque assume sobre si e carrega corporalmente a natureza, a essência, a culpa e o sofrimento do homem. Por amor do homem, Deus faz-se homem. Não busca o homem mais perfeito para se unir a ele, mas assume a essência humana como ela é. Jesus Cristo não é a transfiguração de uma humanidade sublime, mas o sim de Deus ao homem real; não é o sim impassível do juiz, mas o sim misericordioso do compassivo. Neste sim está contida toda a vida e toda a esperança do mundo. No homem Jesus Cristo foi proferido o juízo sobre toda a humanidade; mais uma vez, não é o juízo imparcial do juiz, mas o juízo misericordioso daquele que sofre o destino de toda a humanidade. Jesus não é *um* homem, mas *o* homem. O que n'Ele acontece tem lugar no homem, acontece a todos e, por isso, também a nós. O nome de Jesus encerra em si a humanidade inteira e a plenitude de Deus.

Por «configuração» deve, pois, entender-se algo de inteiramente diferente daquilo que estamos habituados a entender; de facto, a Sagrada Escritura fala de configuração num sentido que nos é, de imediato, de todo estranho. Não se trata, para ela, em primeiro lugar, da configuração do mundo mediante planificação e programas; mas em toda a configuração trata-se apenas da única figura que venceu o mundo¹, da figura de Jesus Cristo. Só a partir dela existe configuração e, mais uma vez, não no sentido de a doutrina de Cristo ou os chamados princípios cristãos terem de se aplicar directamente ao mundo, ou como se o mundo houvesse de se configurar a partir deles. Pelo contrário, há configuração só como inserção na forma de Jesus Cristo, como *conformação*

¹ Cfr. *Jo* 16,33.

idêntica à figura única do encarnado, crucificado e ressuscitado. Isto não acontece graças ao esforço de «se tornar semelhante a Jesus», como estamos habituados a dizer, mas em virtude de a figura de Jesus Cristo agir em nós por si mesma, de modo a plasmar a nossa forma de harmonia com a sua (*Gl 4,9*)¹. Cristo permanece o único configurador. Não são os homens cristãos que configuram o mundo com as suas ideias, mas é Cristo que conforma os homens para uma figura idêntica a ele. Mas assim como a figura de Cristo é desconhecida onde ele é entendido essencialmente como o mestre de uma vida piedosa e boa², assim também a configuração do homem seria mal entendida se nela víssemos apenas a instrução para uma vida piedosa e boa. Cristo é aquele que se fez homem, o crucificado e o ressuscitado, tal como professa a fé cristã. Ser transformado na sua figura (*2 Cor 3, 18; Fl 3, 10; Rm 8, 29; Rm 12, 2*) é o sentido da conformação a que se refere a Bíblia.

Ser configurado com aquele que se fez homem – significa ser um verdadeiro homem. O homem deve e pode ser homem. Toda a sobre-humanidade, todo o esforço por ir além do homem em si, toda a heroidade, todo o ser semi-divino fica aquém do homem; porque não é verdadeiro. O homem real não é objecto de desprezo, nem de deificação, mas um objecto do amor de Deus. A multiformidade e a riqueza da criação de Deus não é aqui violentada por uma falsa uniformidade, pela constrição do homem a submeter-se a um falso ideal, a um tipo, a uma determinada imagem humana. O homem real pode, na liberdade, ser a criatura do seu criador. Ser conformado com aquele que se fez homem significa poder ser o homem que na realidade é; a aparência, a hipocrisia, o esforço espasmódico, o constrangimento para ser algo de diferente, de melhor, de mais ideal, do que aquilo que se é, são aqui postos de lado. Deus ama o homem real. Deus tornou-se um homem real.

Ser configurado com o crucificado – significa ser um homem julgado por Deus. O homem traz consigo, todos os dias, a condenação à morte de Deus, a necessidade de diante de Deus, por causa do pecado. Com a

¹ Tem-se em vista *Gl 4.19*. Bonhoeffer rejeita uma “imitatio”, uma imitação de Cristo como actividade própria do homem.

² Tal é a concepção do “protestantismo liberal” que, na linha de I. Kant, vê em Jesus Cristo um “mestre”.

sua vida, ele atesta que, perante Deus, nada pode permanecer a não ser no juízo e na graça. O homem morre quotidianamente a morte do pecado. Traz humildemente no corpo e na alma as cicatrizes, as chagas que o pecado lhe inflige. Não se pode elevar acima de nenhum outro homem ou pôr-se diante dele como um modelo, pois reconhece-se a si mesmo como o maior dos pecadores. Pode perdoar o pecado dos outros, mas nunca o seu. Suporta todo o sofrimento que lhe é imposto, sabendo de que ele lhe serve para morrer com a sua própria vontade e para deixar que Deus tenha razão sobre ele. Só na medida em que dá razão a Deus sobre si e contra si, é justo diante de Deus. «Com o sofrimento, o mestre imprime nos corações, nos espíritos, a sua imagem perfeita.»

Ser configurado com o ressuscitado – significa ser um novo homem diante de Deus. Ele vive no meio da morte, é justo no meio do pecado, é novo no meio do antigo. O seu mistério permanece oculto para o mundo. Ele vive porque Cristo vive, e vive só em Cristo. «Cristo é a minha vida»¹. Enquanto a glória de Cristo estiver escondida, também a glória da sua nova vida «com Cristo» permanece «oculta em Deus» (Cl 3, 3). Mas aquele que sabe vê, aqui e ali, um vislumbre do que há de vir. O homem novo vive no mundo como qualquer outro; muitas vezes, só em poucas coisas se distingue dos outros homens. Não tem de se evidenciar, mas deve apenas evidenciar Cristo por amor dos seus irmãos. Transfigurado na figura do ressuscitado, traz em si apenas o sinal da cruz e do juízo. Na medida em que voluntariamente o traz, demonstra ser aquele que recebeu o Espírito Santo e estar unido a Jesus Cristo num amor e numa comunhão incomparáveis.

A figura de Jesus Cristo ganha forma no homem. Este não obtém nenhuma figura própria e autónoma, mas aquilo que lhe dá figura e o mantém na nova figura é sempre a figura do próprio Jesus Cristo. Portanto, o que no homem ganha forma, não é nenhum remendo, nenhuma repetição da sua figura, mas a sua própria figura. De novo, o homem não é reconfigurado numa figura que lhe é estranha, na figura de Deus, mas na sua própria figura, que lhe pertence e lhe é essencial. O

¹ Fl 1, 21.

homem torna-se homem, porque Deus se fez homem¹. Mas o homem não se torna Deus. Não é ele, pois, que podia e pode levar a cabo a modificação da sua figura, mas é o próprio Deus que transmuta a sua figura na figura do homem, para que efectivamente o homem se transforme, não em Deus, mas em homem diante de Deus.

Em Cristo, foi de novo criada a figura do homem diante de Deus. Não se tratou de algo que dissesse respeito ao lugar, ao tempo, ao clima, à raça, ao indivíduo, à sociedade, à religião ou ao gosto, mas pura e simplesmente à vida da humanidade, de modo a que ela reconhecesse aqui a sua imagem e a sua esperança. O que aconteceu em Cristo aconteceu à humanidade. Há um mistério, para o qual não existe explicação, no facto de só uma parte da humanidade ter reconhecido a figura do seu redentor. O desejo do encarnado de ganhar figura em todos os homens permanece, até agora, por cumprir. Ele, que carregou com a figura *do* homem, pode apenas obter forma num pequeno grupo: trata-se da sua Igreja.

Por isso, “configuração” significa, em primeiro lugar, o facto de Jesus Cristo obter forma na sua Igreja. É a figura do próprio Jesus Cristo que aqui ganha feição. Numa profunda e clara indicação da própria coisa, o Novo Testamento chama à Igreja o corpo de Cristo². O corpo é a figura. Por isso, a Igreja não é uma comunidade religiosa de adoradores de Cristo, mas o Cristo que se tornou figura no meio dos homens. A Igreja pode chamar-se corpo de Cristo porque, no corpo de Cristo, o homem e, portanto, todos os homens, foram efectivamente aceites. A Igreja reveste então a figura que, na verdade, vale para toda a humanidade. A imagem segundo a qual ela é configurada é a imagem da humanidade. O que nela acontece ocorre de forma exemplar e vicária para todos os homens³. Mas não se pode dizer com suficiente clareza que a Igreja não é também uma forma própria e autónoma ao lado da figura de Jesus Cristo; que nunca pode reivindicar para si um ser, um direito, uma autoridade, uma dignidade próprias e autónomas, ao lado de Jesus Cristo. Trata-se, única e exclusivamente, da figura de Jesus Cristo, e

¹ Que em virtude da encarnação de Deus, do seu ter-se feito homem em Jesus Cristo, o homem se tornasse homem no pleno sentido do termo, era uma convicção rara no protestantismo, na altura em que Bonhoeffer escreve.

² Por ex. *1 Cor* 12,27; *Ef* 1,22; *Cl* 1,18.24. Cfr. *DBW* 1 (SC), 86s.; *DBW* 4 (N), 227-239.

³ Cfr. sobre “modelo” *DBW* 4 (N), 303s., e *ibid.* 84 sobre “substituição vicária” (ou ‘representação’); acerca desta ver ainda *DBW* (SC), 91 e *passim*.

de nenhuma outra figura ao seu lado. A Igreja é o homem encarnado, julgado e desperto para uma nova vida em Cristo. Antes de mais, ela nada tem essencialmente a ver com as chamadas funções religiosas do homem, mas com a totalidade do homem na sua existência no mundo, com todas as suas relações. Na Igreja, não se trata de religião, mas da figura de Cristo e do seu ganhar-forma entre uma multidão de homens. Se nos afastarmos por pouco que seja deste ponto de vista, recaímos inevitavelmente naquela programática da configuração ética ou religiosa do mundo, de que havíamos saído.

A configuração de harmonia com a figura de Cristo implica, pois, duas coisas: que a figura de Cristo permaneça uma só e a mesma, não como ideia universal, mas como a única que ela é, o Deus encarnado, crucificado, ressuscitado; e que justamente a forma do homem real fique, por mor da figura de Cristo, preservada e que, assim, o *homem real receba a figura de Cristo*.

Somos, com isso, remetidos de uma ética abstracta para uma ética concreta. Não se pode nem se deve dizer aquilo que é bom de uma vez por todas, mas *o modo como Cristo, entre nós, agora e aqui, ganha forma*. A tentativa de dizer o que é bom de uma vez por todas está, desde sempre, por si mesma votada ao fracasso. Ou as asserções foram tão gerais e formais que já não continham qualquer significação com conteúdo, ou então, no empreendimento de captar e elaborar a plenitude de todo o conteúdo pensável, e portanto de dizer, de antemão, o que em cada caso singular pensável é bom, cai-se numa casuística de tal modo ilimitada que, nela, nem o universalmente válido nem o concreto obtêm justificação. A ética cristã concreta está para lá do formalismo e da casuística; pois, enquanto o formalismo e a casuística nascem da luta entre o bem e o real, a ética cristã pode ir buscar o seu ponto de partida à reconciliação do mundo com Deus, ocorrida no homem Jesus Cristo, na aceitação do homem real por Deus.

Mas a questão sobre o modo como Cristo ganha forma entre nós, hoje e aqui, a saber, o modo como somos configurados pela sua figura, encerra em si outras questões difíceis: que significa o «entre nós», o «hoje», o «aqui»? Trata-se, antes de mais, de forma totalmente geral, dos tempos e dos lugares que nos dizem respeito, de que temos experi-

ência, que são para nós realidades. Trata-se dos tempos e dos lugares que nos dirigem perguntas concretas, nos propõem tarefas e nos impõem responsabilidade. Trata-se, por conseguinte, no «entre nós», no «hoje» e «aqui», da esfera das nossas decisões e dos nossos encontros. Esta esfera é, sem dúvida, individualmente muito diferenciada; poderia, por isso, pensar-se que estas determinações se deixavam, por fim, também volatilizar até ao completo individualismo. Mas a tal contrapõe-se o facto de que, graças à nossa história, estamos objectivamente inseridos num determinado contexto de experiência, de responsabilidade e decisão, a que não mais nos podemos esquivar sem abstracção.

A ética como configuração é, pois, a proeza de não falar de forma abstracta ou casuística, de modo programático ou como pura consideração, da configuração da figura de Cristo no nosso mundo. Aqui, será imperioso arriscar decisões e juízos concretos. Aqui, a decisão e o facto já não se podem imputar ao indivíduo na sua consciência pessoal; aqui, há directrizes e mandamentos concretos, para os quais se exige a obediência.

A ética como configuração é apenas possível com base na figura presente de Jesus Cristo na sua Igreja. *A Igreja é o lugar onde é anunciada e acontece a configuração de Jesus Cristo.* A ética cristã está ao serviço deste anúncio e deste acontecimento.